

BETAR & ARTES LETRAS

Memórias Partilhadas

Em cena no Teatro Nacional D. Maria II.
Porque não começar o ano a ir ao teatro?

B|
Betar

ENTREVISTA
ARO. MIGUEL
MARCELINO

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



2015 chega com boas propostas musicais. Na Culturgest e no CCB, respetivamente, podemos ouvir os acordes de Giovanni di Domenico e Alexandra Grimal; e assistir ao espetáculo de Brad Mehldau. No que respeita a dança, o coreógrafo Luís Guerra apresenta a sua mais recente produção, no CCB, e Alain Platel regressa ao Teatro Maria Matos com uma nova criação.

Se prefere ir ao teatro, sugerimos “Memórias partilhadas”, em cena no Teatro Nacional D. Maria II, com encenação de Steve Johnstone; e “Na solidão dos campos de algodão”, no palco do São Luiz, com interpretação de Maria João Luís e Rita Blanco.

Ao nível das artes, na Gulbenkian pode apreciar-se a exposição “Tesouros dos palácios reais de Espanha” com pinturas de Velázquez, Goya, El Greco, Caravaggio, entre muitos outros tesouros do valioso património da Casa Real de Espanha; e no Centro de Arte Moderna há uma mostra dedicada a António Dacosta, que assinala o centenário do nascimento do pintor surrealista português.

Se estiver no Porto, não perca a peça “A Minha Pátria é a Língua Portuguesa”, no Teatro Sá da Bandeira, que reúne alguns dos textos mais emblemáticos de Fernando Pessoa; o concerto de Gisela João, no Coliseu; ou a mostra “TOET – The Other European Travellers”, em exibição no Centro Português de Fotografia, que explora o tema da emigração na Europa.

A entrevista desta edição é com o arq. Miguel Marcelino, que nos fala da sua atividade e interesses.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘A beleza invisível das coisas tem a ver com percepção, pormenores... que, pelas suas características, acrescentam uma beleza invisível que eu acho interessante descodificar’

A visão do arq.
Miguel Marcelino
Por Cátia Teixeira



Casa com Três Pátios

Depois da sua formação em arquitetura estagiou na Herzog & de Meuron (Basileia) e na Bonell & Gil (Barcelona). Por cá foi aluno de Carrilho da Graça, Manuel Aires Mateus, Inês Lobo, Nuno Mateus e Manuel Graça Dias. Foi importante ter reunido tantas experiências diferentes?

Na faculdade tive a sorte de ter tido professores com carreiras notáveis. Todos tinham provas dadas no plano profissional e além de bons arquitetos, também foram bons professores. Cada um deles com um modo muito próprio, com características e personalidades muito diferentes, acabaram por se complementar uns aos outros. As turmas eram pequenas, estavam muito presentes e havia uma relação muito próxima, o que era muito enriquecedor. Estas foram razões que me levaram a não fazer Erasmus. Decidi que iria para fora depois e foi o que fiz. Fui estagiar para a Suíça, para o Herzog & de Meuron, que foi uma experiência muito positiva. Estamos a falar da “Liga dos Campeões” da arquitetura, a todos os níveis, uma estrutura internacional com uma grande dimensão e obras de enorme qualidade. Outra coisa muito importante foi a de estar no centro da Europa, o que me possibilitou viajar bastante, o que, vendo retrospectivamente, foi



Centro Escolar de Fonte de Angeão

um aspeto igualmente importante na formação enquanto arquiteto. Numa das viagens fui a Barcelona e gostei tanto da cidade que pensei “quando acabar o curso, venho para aqui trabalhar uns tempos”. E assim foi, estive mais de dois anos no atelier Bonell & Gil, que tem um certo peso dentro da arquitetura catalã, uma estrutura relativamente pequena o que me permitiu ter um envolvimento mais ativo nos projetos. Entretanto comecei a fazer alguns concursos para Portugal, em part time, e voltei a ter vontade de fazer os meus projetos. Achei que era altura de voltar e estabeleci-me por cá em 2008. Depois ganhei o concurso do Centro Escolar, que me permitiu consolidar uma estrutura mais estável. Nunca tive o sonho de vir a ter um grande atelier no sentido empresarial, o que me motiva é poder fazer obras que sejam interessantes e que contribuam positivamente para o território.

Sei que se interessa pelos “valores absolutos” e pela “beleza invisível das coisas”. Como caracteriza a sua arquitetura?

Essa questão dos valores absolutos vem da minha postura relativamente à arquitetura e aos edifícios. Temos muitos exemplos

notáveis pela discussão que geraram, pela investigação que foi feita para lá chegar, ou por histórias e curiosidades paralelas que aconteceram durante o processo. Mas o que eu acho essencial é o valor absoluto da coisa, a realidade pura e dura que nos é apresentada. As grandes obras não precisam de legendas nem ser explicadas por guias. O resultado final é, portanto, umas das principais qualidades que prezo enquanto arquiteto, mais do que o processo para lá chegar.

A beleza invisível das coisas tem a ver com percepção, psicologia, fenomenologia, relativamente ao espaço e ao meio construído. Da beleza que vai para além da estética visual, que é a estética dominante dos nossos tempos. A leitura que temos de uma cidade, uma praça, por exemplo, quando conjugada com música ao vivo, é completamente diferente da sua dimensão normal do dia-a-dia. Trata-se de tensões, pormenores, insólitos, factores humanos, naturais ou, até, espirituais, que pelas suas próprias características, acrescentam uma beleza invisível que eu acho interessante analisar e descodificar para mais tarde, quem sabe, até poder ser útil no meu trabalho.

Já ganhou vários concursos. Vai arrancar agora



o mais recente, o projeto da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, realizado com a BETAR. Que análise faz ao sistema de concursos em Portugal e que significado têm estes reconhecimentos?

Os concursos são sempre um tema polémico. O investimento é brutal, são semanas de trabalho, que se multiplicamos pelo valor hora é um absurdo, e para ganhar um concurso, temos de fazer dezenas que não ganhamos. Mas é um pouco como a definição de Churchill para democracia, neste caso: “o concurso público é o pior meio de escolha dos projectistas, à excepção de todos os outros”. O trabalho de maior dimensão que consigo é através de concursos. Não tenho contactos privilegiados em nenhuma administração e se não fossem os concursos, provavelmente, não teria atelier aberto. Mas o mais problemático na minha opinião é a escassez de concursos públicos de conceção que existem em Portugal. Em muitos outros países é uma prática normal, por cá parece que é um acontecimento excepcional, quando não devia ser. Havendo poucos, há muito mais concorrentes em cada um deles e as probabilidades de vencer também diminuem.

Em relação aos reconhecimentos dos prémios, costumo dizer que em arquitetura o currículo conta muito pouco, o que conta é o portfólio, a obra. Hoje em dia há prémios para tudo e mais alguma coisa, por isso o que interessa é se a obra vale ou não. É sempre bom ter mais um 1º prémio no currículo mas, muito mais importante, é a possibilidade de construir um edifício em que espero ser bem sucedido.

Recentemente fez também com a BETAR o projecto do Centro Escolar de Fonte de

Angeão. O que é que procura nos engenheiros de estruturas?

Tento que a minha relação com as engenharias seja o mais ativa possível, uma espécie de jogo de pingue pongue. Sou contra a abordagem de entregar os desenhos para ser lá colocada a estrutura. Gosto de estudar e tentar dominar questões técnicas de engenharia para, sempre que possível, ter um pensamento lógico desde o início com as várias engenharias, para depois haver um diálogo e uma construção comum, mais do que contratar uma prestação de serviços. O eng. José Venâncio tem esta dinâmica que é o que eu espero de um engenheiro de estruturas. O Centro Escolar de Fonte de Angeão é exemplar nesse sentido, a estrutura é a arquitetura, o acabamento é o próprio elemento estrutural que fica à vista, as infra-estruturas técnicas fazem parte e são também protagonistas do espaço visível.

Em 2014 integrou a representação oficial portuguesa na Bienal de Veneza. Como foi essa experiência?

O curador foi o arquiteto Pedro Campos Costa que escolheu uma abordagem diferente, que foi um jornal, e aproveitou a ocasião e a visibilidade que a Bienal tem para catapultar novos projetos e despoletar debates sobre vários temas pertinentes. Eu fui convidado para participar no tema “rural”. Juntamente com o município de Évora, começámos a debater como poderíamos reutilizar o património agrícola obsoleto e determinadas estruturas antigas, que depois levou a um projeto concreto para a reabilitação de um Celeiro no centro da cidade. Esta possibilidade de criar reflexão e debate, mas também propostas concretas e úteis, foi uma estratégia interessante.

Durante este ano vamos continuar a mostrar um pouco do nosso trabalho. Nesta edição, descrevemos o projeto da Ponte de N´Dioum, no Senegal, cuja obra está ainda a decorrer.



Em Janeiro de 1994 o Senegal adotou um profundo programa de reforma económica com o apoio da comunidade de doadores internacionais. Esta reforma permitiu fazer algumas renovações no país. N´Dioum é uma aldeia do Senegal, localizada junto ao rio Doué. Para se chegar lá é preciso atravessar o rio. A construção de uma ponte e os respetivos acessos eram uma necessidade, para evitar que a população continuasse a ter de fazer o percurso de barco. A BETAR realizou o Projeto de Execução e a Assistência Técnica da Ponte de N´Dioum e cerca de 1,5 quilómetros de estrada para acessos. A travessia estende-se por 160 metros sobre 9 vãos. A ponte é constituída por um tabuleiro vigado apoiado em pilares por sua vez fundados em maciços de 6 estaca com 25 metros de profundidade máxima. A plataforma é formada por 5 vigas “I” pré-fabricadas de altura constante e foi betonada sobre pré-lajes. As ensecadeiras de estacas-prancha permitiram executar a seco os maciços de encabeçamento a 8 metros de profundidade.

Ponte de N´dioum sobre o Rio Doué, Senegal

Projetos de Obras de Arte e Estudo Hidráulico: **BETAR Consultores**

Estudo Geotécnico: **GEOTEST**

Construtor: **MSF - Sociedade Gestora de Participações Sociais, S.A**

Ano conclusão projeto: **2012**. Obra em curso

Extensão total: **525 m** (ponte) + **1.500 m** (estrada)

Dono de Obra: **ALNG – Angola Liquefied Natural Gas**

CINEMA

Passado mais um ano de boas estreias no grande ecrã, 2015 chega com algumas propostas interessantes. Deixamos aqui duas sugestões para um serão agradável

Mr. Turner

Reconhecido por uns, desprezado por outros



De: Mike Leigh
Com: Dorothy Atkinson, Karl Johnson, Mario Bailey, Paul Jesson, Ruth Sheen, Sandy Foster e Timothy Spall
Reino Unido, 2014
Biografia, 149 min

Profundamente afetado pela morte do pai, amado por uma governanta que ele praticamente ignora e ocasionalmente explora sexualmente, Turner estabelece uma estreita relação com uma proprietária de uma pensão à beira-mar com quem vive incógnito em Chelsea, onde acaba por falecer. Ao longo destes anos, ele viaja, pinta, frequenta a aristocracia, visita bordéis, torna-se um artista estimado embora um pouco indisciplinado da Royal Academy of Arts, prende-se ao mastro de um navio para poder pintar uma tempestade, e é ao mesmo tempo reconhecido e desprezado pelo público e pela realeza.

A linguagem do coração

Uma história de fé



De: Jean-Pierre Améris
Com: Brigitte Catillon, Isabelle Carré, Laure Duthilleul, Martine Gautier, Patricia Legrand e Sonia Laroze
França, 2014
Biografia, 95 min

Aos 14 anos Marie é incapaz de comunicar. Apesar do conselho do médico que acredita que ela tem um “atraso”, o pai de Marie, um artesão humilde, não consegue colocá-la num asilo e decide enviá-la para o Instituto Larnay perto de Poitiers, onde as freiras cuidam de jovens surdos. Apesar do ceticismo da Madre Superiora, a jovem freira Irmã Marguerite resolve ocupar-se deste “pequeno animal selvagem” e faz tudo o que pode para trazê-la para fora da sua escuridão. Apesar de alguns insucessos e da tentação para desistir, Marguerite terá sucesso, graças à sua fé e amor pela jovem Marie.

TEATRO

A temporada 2014/2015 dos teatros nacionais e municipais promete apresentar grandes peças, apesar dos curtos orçamentos. A criatividade é dos elementos mais explorados



Memórias Partilhadas

Um lápis, uma mochila e uma almofada ligam-se entre si, de uma forma ou de outra. Nesta peça, é contada a história de cada um dos objetos: por onde passaram, quem foram os seus donos, que com eles partilhavam as suas recordações... Sentir-se-ão realizados por tudo o que passaram e pelo que fizeram por quem os acolheu? Estes objetos são contadores de histórias. Sabemos qual a sua utilidade, mas não sabemos o quanto sabem eles de nós. As histórias serão contadas por três pessoas. Enquanto uma fala do seu objeto, as outras duas tornam-se marionetas. Como se houvesse um manipulador, que controla a sua história. Os outros apenas são aquilo que ele quer que sejam, aquilo que ele vai querer mostrar ao público. Porque é necessário fazer com que o público acredite naquilo que não vê, e que entre no mundo dos contadores e criadores de histórias.

Teatro Nacional D. Maria II

De 3 de Janeiro a 1 de Fevereiro
Encenação: Steve Johnstone
Interpretação: Abel Duarte, Eduardo Correia e Paulo Duarte

Na Solidão dos Campos de Algodão

Voltar a Koltès significa decifrar uma obra imprescindível para a compreensão da dramaturgia do final do século XX, representativa da condição humana em diálogo com os nossos tempos. Com raízes na rua, nos discriminados e nos injustiçados, esta obra apresenta-nos uma atitude insubmissa face à hierarquia social de dois extremos: o vendedor e o comprador. No início é uma procura, uma proposta, uma sedução; mas logo surge a dúvida e a desconfiança que uma sociedade multiétnica e multiracial impõe. O contacto de duas pessoas sem passado comum, nem linguagens familiares, acontece numa qualquer rua sem memória. Como dois animais que se cruzam no mesmo território, uma hostilidade violenta submerge e os dois estrangeiros digladiam-se num combate dominado pelo medo que, apesar da densidade verbal, assinala um conflito que ultrapassa as palavras.

São Luiz Teatro Municipal

De 8 a 25 de Janeiro
Encenação: Marcello Urgeghe,
Maria João Luis e Rita Blanco
Interpretação: Maria João Luis e Rita Blanco



Janeiro não é um mês muito rico em concertos, mas encontrámos dois bons. O que este mês nos traz também são duas novas criações de coreógrafos conceituados



Trovoada e Tap Factory

Dias 15 e 16 e dias 17 e 18 de Janeiro, no CCB

DANÇA

Nos dias 15 e 16 de Janeiro, o bailarino e coreógrafo Luís Guerra - considerado um dos melhores cem bailarinos do mundo - apresenta a sua nova criação: Trovoada. E nos dois dias seguintes, os Tap Factory surpreendem com um espetáculo de sapateado e percussão, que junta hip-hop e acrobacia aérea. Depois de conquistar públicos por toda a Europa e América do Sul regressam a Portugal como referência no mundo do espetáculo.



Alain Platel

De 23 a 25 de Janeiro no Teatro Maria Matos

DANÇA

Alain Platel regressa ao Teatro Maria Matos para apresentar a sua mais recente criação, em que continua o seu trabalho sobre o que ele descreve como “dança bastarda”. Tauberbach parte do documentário de Marco Prado, Estamira, que retrata a vida de uma mulher esquizofrénica a viver e a trabalhar numa lixeira no Rio de Janeiro, para refletir sobre como se pode sobreviver com dignidade em circunstâncias impossíveis.



Giovanni di Domenico

Dia 16 de Janeiro na Culturgest

CONCERTO

É sempre difícil ser-se criativo utilizando o modelo secular do duo piano/sopro. Contudo, as coordenadas originais de Giovanni di Domenico e Alexandra Grimal impõem-se sempre, e com naturalidade. O que podia ser uma limitação formal, eles transformam num jogo de exploração de possibilidades. Estes instrumentistas e compositores de jazz são conhecidos pelas suas incursões na música improvisada, que salta para fora das margens estabelecidas.



Brad Mehldau

Dia 23 de Janeiro no CCB

CONCERTO

Não estranhe se neste concerto ouvir Nirvana ou Beatles, porque Brad Mehldau é ambicioso a esse ponto. O músico e compositor de jazz sobe a solo ao palco CCB para mostrar toda a sua versatilidade. Brad Mehldau é um compositor ambicioso e um intérprete aventureiro, cujo talento musical se manifesta pela capacidade de misturar, de modo homogêneo, standards com temas do universo pop.



Concertos e óperas em janeiro

por António Cabral

A Fundação Gulbenkian, em Lisboa, e a Casa da Música, no Porto, continuam, em 2015, a ser dois produtores de concertos com qualidade de nível internacional. Isto contribui, também, para a valorização das duas cidades, hoje já importantes centros de cultura e turismo.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

4/1 às 19 horas (Grande Auditório)

O pianista Andrés Schiff interpreta sonatas de Haydn, Beethoven, Mozart e Schubert, um percurso do Clássico ao Romântico.

8/1 às 21 horas e 9/1 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, direção David Afkham e pianista Radu Lupu. Programa: concerto nº 4 de Beethoven e Sinfonia nº 4 (1886) de Anton Bruckner.

11/1 às 19 horas (Grande Auditório)

Radu Lupu terá um recital a solo, interpretando Brahms, Mozart e Beethoven.

15/1 às 21 horas e 16/1 às 19 horas (Grande Auditório)

A pianista Elisabeth Leonskaja com a Orquestra Gulbenkian e o maestro Ainars Rubikis interpretam os dois concertos de Brahms. Se gosta de Brahms não deixe de ir.

21 e 22/1 às 21 horas (Grande Auditório)

Andrés Schiff (ao piano e como maestro) e Andrea Barca, interpretam, no dia 21, quintetos de Schubert, Mozart e Dvorak; e a 22, concertos de Mozart e Beethoven e uma sinfonia de Schubert.

30/1 às 19 horas (Grande Auditório)

Versão de concerto da obra prima de Mozart, a ópera “As Bodas de Figaro”. Coro e Orquestra Gulbenkian; maestro Paul McCreech e solistas internacionais com a qualidade que a Gulbenkian sempre nos habituou.

Nota Final: continua a transmissão da temporada de ópera do MET de Nova Iorque: este

mês teremos, às 18 horas do dia 17 (Grande Auditório), “A viúva alegre” de Franz Lehar com a grande soprano Renée Fleming e, no dia 31, também às 18 horas, no mesmo espaço, “Les Contes d’Hoffmann” de Jacques Offenbach.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

11/1 às 17 horas (Grande Auditório)

Orquestra Sinfónica Portuguesa dirigida por Joana Carneiro. No programa: Adágio para cordas de S. Barber, Doctor Atomic Symphony de John Adams e Sinfonia nº 5 de Shostakovich. Programa muito interessante com três compositores, americanos e russo, bem característicos da música do séc. XX.

12/1 às 17 horas (Grande Auditório)

Orquestra Metropolitana de Lisboa, direção Emilio Pomarico: Oitava Sinfonia de Anton Bruckner.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

22, 24, 27 e 29/1 às 20 horas e 25/1 às 16 horas

A Zarzuela “Los Diamantes de la Corona” de Barbieri (1823-1894). A Zarzuela é uma expressão muito característica do teatro lírico de Espanha, de expressão mais popular. Mantêm-se em exibição no país vizinho as criações de melhor qualidade dos séc. XIX e XX. Barbieri é um dos compositores mais conhecidos.

THEATRO THALIA

24/1 às 21:30

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Coro Sinfónico Lisboa Cantat; direção Jorge C. Alves e Reinaldo Guerreiro; programa: Mozart Serenata nº 12 (Nacht Musik) e Bruckner Missa nº 2.

ARTES

Uma valiosíssima coleção de arte está de passagem por Portugal. Até 25 de Janeiro pode visitar, na Gulbenkian, autênticos tesouros da Casa Real de Espanha

GULBENKIAN

Tesouros dos Palácios Reais de Espanha

Até 25 de Janeiro

Pinturas de Velázquez, Goya, El Greco, Caravaggio, entre muitos outros tesouros pertencentes ao valioso património artístico acumulado pela Casa Real de Espanha, ao longo de 350 anos, integram esta exposição. Uma oportunidade única para apreciar o melhor da produção espanhola, e do resto da Europa, que nos dá a conhecer as diferentes formas de transmissão da imagem da monarquia, quer como instrumento ideológico de poder, quer como reflexo dos gostos, vivências e ocupações da família real. Remetendo para a história complexa de Espanha, feita de glórias e desilusões, onde a produção de arte e cultura se manteve sempre de grande qualidade, a exposição privilegia as relações políticas e familiares entre as duas monarquias ibéricas.



CENTRO DE ARTE MODERNA

António Dacosta (1914-2014)

Até 25 de Janeiro

Esta exposição assinala o centenário do nascimento de António Dacosta (Angra do Heroísmo, 1914 – Paris, 1990), pintor intimamente ligado ao movimento surrealista português. Núcleos de peças do artista, de 1914 a 1990, apresentam uma imagem das várias fases da sua obra, como o surrealismo dos anos 1940, mas também obras inéditas ou pouco conhecidas do público em geral. A mostra começa com uma evocação do Coelho de “Alice no País das Maravilhas”, estudo concebido para a estação do Metro do Cais do Sodré, que Dacosta não conseguiu concluir a tempo. Na sala contígua, é apresentada alguma documentação, ilustrações, bibliografia, iconografia significativa e, sobretudo, desenhos e apontamentos, testemunhos do espírito inquieto e de permanente pesquisa de António Dacosta.

PORTO

Em 2015, o Porto vai continuar a ser uma cidade de cultura. A aposta tem sido grande e a resposta mais do que positiva, por isso, saiba o que pode encontrar na invicta em Janeiro

teatro



A Minha Pátria é a Língua Portuguesa

De 5 a 26 de Janeiro, no Teatro Sá da Bandeira

“A Minha Pátria é a Língua Portuguesa” reúne alguns dos textos mais emblemáticos do poeta português Fernando Pessoa, em cruzamento com os seus heterónimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Bernardo Soares. Baseia-se essencialmente numa abordagem dinâmica e interativa da poesia portuguesa, com uma estética acessível a qualquer género de público. Entre a informalidade e o contacto direto com quem está a assistir, serão criados momentos únicos, nestas viagens com Pessoa...

música



Gisela João

Dia 23 de Janeiro, no Coliseu do Porto

Gisela João é reconhecida como uma das mais importantes intérpretes do panorama musical português da atualidade. O grande público rendeu-se à sua voz, esgotando os concertos da Casa da Música e CCB, em Janeiro do ano passado. As atuações em alguns dos mais importantes festivais, os primeiros concertos internacionais e os prémios “Blitz”, “Público”, “Time Out”, “Expresso” e um Globo de Ouro para melhor intérprete nacional, consagraram em definitivo o nome de Gisela João, que agora apresenta o seu novo espectáculo.

artes



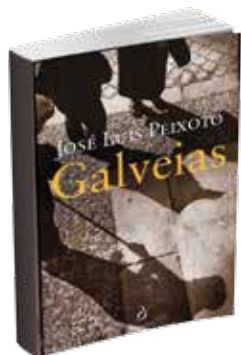
TOET – The Other European Travellers

Até 1 de Fevereiro, no Centro Português de Fotografia

Este é um projeto de investigação fotográfica, realizado por jovens fotógrafos europeus, que contaram com a colaboração de peritos e artistas consagrados. Esta iniciativa, que abrange o período compreendido entre finais dos anos 50 e início dos anos 80, teve como objetivo explorar as experiências de cidadãos e famílias europeias que, por razões económicas, tiveram de abandonar os seus países de origem, iniciando uma nova vida noutros países do continente.

LIVROS

Dois autores portugueses estão em destaque este mês. José Luís Peixoto e João Céu e Silva lançaram os seus novos romances, que foram já aplaudidos pela crítica



José Luís Peixoto *Galveias*

Novo livro de José Luís Peixoto chama-se “Galveias” em homenagem à localidade alentejana onde o escritor nasceu. A obra está já entre os grandes romances alguma vez escritos sobre a ruralidade portuguesa. O universo toca uma pequena vila com um mistério imenso. Esse é o ponto de acesso ao elenco de personagens que compõe este romance e que, capítulo a capítulo, ergue um mundo. Como uma condensação de portugalidade, “Galveias” é um retrato de vida, imagem despudorada de uma realidade que atravessa o país e que, em grande medida, contribui para traçar-lhe a sua identidade mais profunda. É uma obra sobre a orfanidade, recheada de elementos autobiográficos, e um maravilhoso retrato psicológico do interior do país, que sofre problemas bastante graves, para os quais o autor quer chamar a atenção.



João Céu e Silva *A Sereia Muçulmana*

O que resta a um homem que ao acordar percebe que já não compreende o mundo em que vive? Um homem que não quer fazer parte de uma família sem presente; a quem custa viver numa sociedade em crise e não se revê nas suas memórias... Só lhe resta procurar o seu destino e apostar na solidão e na imaginação que todos os homens ainda têm dentro de si, mesmo quando tudo parece sem sentido. Esta é a história de um homem que quer viver num país diferente e que é obrigado a partir para o encontrar. É a história de um homem que não aceitou a realidade. O romance “A Sereia Muçulmana” recebeu o Prémio Literário Alves Redol por narrar uma viagem ao interior de uma consciência de uma forma original onde se destaca a qualidade da escrita de João Céu e Silva. Este é o seu segundo romance.

LÁFORA

Madrid e Paris, aqui tão perto, continuam a ser excelentes fontes de cultura. Se tiver oportunidade, comece o ano com um passeio por uma destas cidades



Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Hubert de Givenchy

Até 18 de Janeiro

O Museu Thyssen-Bornemisza apresenta a primeira grande retrospectiva dos desenhos do estilista francês Hubert de Givenchy, uma lenda na história da alta costura. A exposição representa a primeira incursão do museu no mundo da moda e oferece uma abordagem do percurso do criador, desde a abertura da “Casa Givenchy”, em 1952, em Paris, até à sua aposentação, em 1996. O designer selecionou cerca de uma centena das suas melhores roupas, de museus e coleções particulares de todo o mundo, muitas delas nunca antes vistas pelo público.

Museu Rainha Sofia, Madrid

Luciano Fabro

Até 15 de Abril

A obra de Luciano Fabro é fundamental para a compreensão dos novos caminhos da escultura contemporânea. Em Itália, na segunda metade do século XX, surgiu uma geração de artistas que, influenciada pela natureza da obra de Piero Manzoni ou a conceção do espaço de Lucio Fontana, criticou a industrialização e a sociedade de consumo, sem abrir mão de uma certa consciência poética do mundo. Desses artistas, Luciano Fabro foi um dos que mais se destacou.



Centro Pompidou, Paris

Jeff Koons

Até 27 de Abril

Em 1987, numa exposição no Centro Pompidou, a obra de um jovem de 32 anos encantou o público: Jeff Koons. Em 2000, numa mostra coletiva, um homem maduro, de 45 anos, voltou a ter destaque no museu: Jeff Koons. Agora, em 2015, a instituição decide dedicar uma retrospectiva a um artista incontornável, de 58 anos: Jeff Koons. Vinte e sete anos se passaram desde que o “Coelho” chegou ao Centro Pompidou. O autor do famoso balão em aço inoxidável tornou-se um dos artistas mais famosos e controversos da arte contemporânea, com uma obra-prima inegável e um otimismo irremediável.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM
O ARQ. MIGUEL MARCELINO
CASA SOBRE ARMAZÉM